

Formação de Público Espectador Infantil para a Dança: Reflexões a partir do espetáculo *Algodão Doce*

Lidiane Domingues Rodrigues

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas/RS, Brasil
E-mail: lidi6880@gmail.com

Helena Thofehrn Lessa

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas/RS Brasil
E-mail: thofehrnlessa@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca fomentar a discussão sobre montagens cênicas de dança voltadas ao público infantil e como esse tipo de ação pode contribuir para a formação de espectadores. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com participantes do espetáculo *Algodão Doce* (Pelotas/RS) e suas respostas foram cruzadas com fontes teóricas e documentais. Acredita-se que para além de criar e possibilitar o acesso a espetáculos infantis de dança, é importante promover ações em que a criança possa experimentar a linguagem da dança e perceber sua importância enquanto espectadora.

Palavras-chave

Dança. Crianças. Espectador.

Abstract

This work aims to promote the discussion about scenic dance montages for children and how this type of action can contribute to the formation of spectators. Semi-structured interviews were applied in participants of *Algodão Doce* (Pelotas/RS, Brazil) and their answers were crossed with theoretical and documentary sources. We believed that in addition to creating and providing access to children's dance shows, it is important to promote actions in which the child can experience the language of dance and realize your importance as a spectator.

Keywords

Dance. Children. Spectator.

A presente pesquisa aborda como tema a formação de público espectador infantil para a dança e se trata de um trecho revisado de um trabalho de conclusão de curso¹, defendido pela primeira autora no curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Um dos desejos de refletir sobre a formação de espectadores de dança parte da percepção de que na área das Artes Cênicas, de forma geral, as discussões a respeito da temática são realizadas, na sua maioria, no campo dos estudos em Teatro, indicando uma lacuna e um convite para reflexão sobre o assunto na área específica da Dança.

O tema escolhido também possui relação com as experiências vividas pela primeira autora do trabalho no decorrer da sua trajetória acadêmica. Uma reflexão que atravessou esse processo foi o não acesso a proposições artísticas na sua infância e como a ausência desse tipo de relação pode ter influenciado suas escolhas, percepções e comportamentos na vida. No decorrer do seu processo de formação, foi possível vivenciar uma experiência marcante na disciplina de Montagem de Espetáculo II². Em conjunto com colegas de curso, a autora atuou como diretora e intérprete-criadora de um espetáculo³ de dança voltado ao público infantil. Ao final das duas sessões de apresentações, nas quais crianças de escolas públicas parceiras do curso foram convidadas a se inserir no espaço da universidade, foi notável, através de de-

1 Trabalho intitulado “Formação de público espectador infantil: um estudo de caso sobre a experiência do Projeto Algodão Doce na cidade de Pelotas”, orientado pela professora Helena Thofehn Lessa e defendido em 14 de dezembro de 2018.

2 A disciplina integra a grade curricular do 7º semestre do curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas e tem como objetivo realizar uma montagem cênica, em que os alunos desenvolvem todas as etapas que abrangem essa montagem: direção, ensaios, preparação corporal, produção, divulgação, apresentação e pós-produção.

3 Espetáculo de dança contemporânea intitulado Elos: aperte start. Inspirado no universo dos jogos de videogame e nos quatro elementos da natureza, foi apresentado no ano de 2015 com direção e interpretação das alunas Alice Pinheiro, Andrine Neutzling, Brenda Furtado, Clésis Larosa, Lidiane Rodrigues e Luana Arrieche com orientação da professora Daniela Castro.

poimentos de alunos, como aquele primeiro acesso a um espetáculo de dança foi significativo para eles.

A experiência descrita provocou a reflexão de que é relevante fomentar a discussão sobre produções artísticas de dança que trazem o foco para o público infantil e como esse tipo de ação pode contribuir para a formação de espectadores de dança. Desse modo, o espetáculo *Algodão Doce*, desenvolvido e apresentado na cidade de Pelotas/RS nos anos de 2013 e 2014, foi escolhido como objeto de estudo para refletir sobre a formação do público espectador infantil em dança.

Com o objetivo de analisar a percepção dos participantes do espetáculo *Algodão Doce* sobre a formação de público espectador infantil para a dança, foi realizada uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009), na qual foram utilizadas fontes documentais⁴ e realizadas entrevistas semi-estruturadas, as quais propiciaram a efetivação de um estudo de caso, contando com a colaboração das duas diretoras do espetáculo e de cinco intérprete-criadores.

As entrevistas ocorreram presencialmente entre os meses de maio e setembro de 2018 e seguiram um roteiro com oito questões norteadoras (RODRIGUES, 2018). As primeiras questões tinham o objetivo de introduzir e resgatar as memórias vivenciadas pelos entrevistados durante o processo de criação do espetáculo, auxiliando no resgate das informações e criando um ambiente seguro para a realização das questões mais relevantes para essa pesquisa, as quais tratavam de reflexões sobre a percepção do impacto do *Algodão Doce* na formação de público.

A análise dos dados foi realizada com base na transcrição das respostas das entrevistas e na confecção de uma matriz de análise com os apon-

4 Documentos referentes ao edital ProCultura do município de Pelotas (cedidos por uma das diretoras do Projeto Algodão Doce), o documentário sobre o Algodão Doce (disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SqiH75-c8XI&t=1s>), fotos do acervo pessoal dos intérpretes-criadores e das diretoras, além de materiais extraídos do blog do Projeto Algodão Doce (disponível em: <http://algodaodocepelotas.wordpress.com/>).

tamentos principais contidos nas respostas. A construção dessa matriz favoreceu a utilização de uma abordagem comparativa entre as respostas dos entrevistados e, posteriormente, a realização de um cruzamento com as fontes teóricas e documentais. Dentre os principais autores estudados destacam-se: Desgranges (2003; 2005; 2015), Zancan (2018), Dantas (2013), Godard (1995) e Marques (2010).

— Dança para crianças: algumas iniciativas direcionadas ao espectador infantil

A formação de espectadores, seguindo as proposições de Desgranges (2005; 2015), abrange tanto a aplicação de procedimentos para criar gosto pelas manifestações artísticas, ressaltando a necessidade e a importância da arte, quanto também se configura como uma ação educativa voltada para a formação de indivíduos capazes de olhar, observar e se espantar.

No campo da dança, a ação de assistir montagens cênicas é uma forma de apreciação em que a figura do espectador se faz presente para completar e dialogar com a proposta artística. Dantas propõe que o ato de ver dança é como um processo de criação que acontece em cada pessoa que vai assisti-la, já que “[...] o espectador não é passivo em relação à fruição da coreografia, ele é elemento ativo e construtivo da leitura da obra; assim, ele toma uma atitude em relação ao que vê, sente e percebe.” (2013, p. 5). A mesma autora acrescenta:

[...] o ato de olhar a dança também como um processo de criação que se realiza em cada espectador, e para isso proponho retomar o conceito de fruição. Fruir, do latim *fruere*, significa estar em posse de, possuir. Ou então, tirar de alguma coisa o máximo proveito, perceber os frutos e os rendimentos de determinada situação. Fruir também significa gozar, desfrutar. Os três casos, subentendem uma experiência, uma ação vivida e podem ser aplicados à dança: a fruição de uma coreografia pode ser uma experiência que me faz possuir, incorporar essa dança, principalmente a partir do momento em que projeto nela vivências pessoais. [...] Um primeiro passo para inscrever a obra no corpo do espectador. (DANTAS, 2013, p. 3).

Considerando que é da capacidade humana se sensibilizar com aquilo que percebe, por mais que os espectadores não entendam prioritariamente os códigos e signos da dança, eles poderão se sensibilizar com a proposta assistida, tomar gosto pela arte e buscar o acesso à dança. Desse modo, a criação de montagens cênicas voltadas às crianças pode ser uma das estratégias para o aumento e fortalecimento da procura do público para apreciar dança, contribuindo para a formação de espectadores.

Desgranges lembra que “se a atuação do espectador precisa ser tomada a partir de uma perspectiva artística, precisa-se também afirmar a necessidade de formação deste espectador” (2005, p. 19). O autor acredita que o gosto por uma cultura artística deve ser construído desde a infância e que é fundamental aproximar as crianças da arte se quisermos pensar em formar espectadores, afirmando a importância do planejamento e desenvolvimento de projetos criados para o público infantil.

Mesmo apresentando crescimento nos últimos anos, percebe-se que a preocupação em desenvolver iniciativas direcionadas a essa faixa etária ainda é tímida. Dentre estas, destacam-se, em nível nacional, a *Balangandança Cia. de Dança*⁵ e a *Cia. Tugudum*⁶, duas companhias independentes atuantes há mais de dez anos com trabalhos de dança e projetos em educação direcionados às crianças, envolvendo oficinas, mesas de debates, seminários e publicações na área.

Com viés parecido ao das companhias citadas, na última década foram desenvolvidos projetos e espetáculos de dança contemporânea no estado do Rio Grande do Sul direcionados ao público infantil. Dentre eles, destacam-se: *Guia Improvável para*

5 Dirigida por Georgia Lengos, realiza e apresenta espetáculos de dança contemporânea para crianças desde o ano de 1997 na cidade de São Paulo. Maiores informações disponíveis em: <http://balangandanca.com.br/>.

6 Com direção de Valéria Franco, a Cia. Tugudum explora em suas criações diferentes linguagens das artes, utilizando-se bastante da percussão como estímulo de criação. Maiores informações disponíveis em: <http://tugudum.com.br/>.

*Corpos Mutantes*⁷, *Pequenices: minipeça viajante de dança*⁸, *Tóin: dança para bebês*⁹ e *Algodão Doce*. Por mais que tenham o objetivo comum de oferecer às crianças a possibilidade de apreciar uma produção artística de dança criada especialmente para elas, os trabalhos citados possuem características distintas. *Pequenices: minipeça viajante de dança* e *Tóin: dança para bebês* tratam-se de projetos que, além dos espetáculos direcionados ao público infantil, promovem oficinas direcionadas às crianças, professores e cuidadores. Já *Guia Improvável para Corpos Mutantes* e *Algodão Doce* são trabalhos que possuem ênfase na apreciação da dança por meio de temas que incentivam a criatividade individual da criança e respeitam a singularidade de cada uma.

O *Algodão Doce*, objeto de estudo dessa pesquisa, trata-se de um projeto de montagem e apresentação de espetáculo de dança contemporânea desenvolvido por meio de financiamento do Edital ProCultura¹⁰ 2013 da Prefeitura Municipal de Pelotas. Segundo integrantes do Projeto,

7 Com direção de Airton Tomazzoni, o projeto também realizou em 2014 o I Fórum Nacional de Dança Infância e Juventude, mas possui foco na circulação do espetáculo. Maiores informações disponíveis em: <http://canto.art.br/guia/>.

8 Espetáculo integrado ao projeto Pequenices Arte Educação, com direção de Fernanda Boff. As unidades que englobam esse projeto são oficinas para crianças, formação de professores e um livro que traz contextualizações de diversos pesquisadores da dança que atuam no campo da arte-educação. Maiores informações disponíveis em: <http://pequenices.art.br/>.

9 Realizado pela Muovere Cia. de Dança e dirigido para bebês de 0 a 03 anos e seus cuidadores. Maiores informações disponíveis em: <https://dancaparabebes.wordpress.com/>.

10 O Edital ProCultura, da Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas – RS, caracteriza-se como um concurso anual que recebe propostas artístico-culturais de artistas pelotenses, edital pautado na Lei Municipal 5.662/09. São avaliadas propostas artístico-culturais inéditas que, caso aprovadas, recebem financiamento do Programa Municipal de Incentivo à Cultura – ProCultura/Pelotas, tendo como local principal de realização o referido município.

O desejo de realizar este projeto surgiu da percepção de que a dança contemporânea caracteriza-se, muitas vezes, como uma linguagem artística que se afasta do universo da criança – o que pode parecer contraditório, uma vez que a dança na contemporaneidade brinca, além de outros aspectos, com as possibilidades criativas do corpo. Porém, o que parece determinar esse afastamento do universo infantil é a abordagem temática dos trabalhos e não as metodologias de criação utilizadas nos processos de composição. Por isso, propor mais trabalhos pautados em uma “estética contemporânea para as crianças” é um tema urgente e que possibilita a ampliação do público para a dança. (CORRÊA; LESSA; NASCIMENTO, 2018, p. 252).

Ao encontro das ideias expostas, Desgranges (2015) coloca que é necessário perceber a importância do espectador para que o diálogo com a obra aconteça. Para isso, é preciso enxergar o espectador como o outro imprescindível em um diálogo e não como alguém que sustenta financeiramente o espetáculo ou cobre o trabalho de aplausos. Nessa perspectiva, cabe salientar que

O olhar do espectador sobre o espetáculo sustenta o próprio jogo do teatro. A necessidade de companheiros de jogo, de criação, anima o movimento de formação de público. Uma pedagogia do espectador se justifica, assim, pela necessária presença de um outro que exija diálogo, pela fundamental participação criativa desse jogador no evento teatral, participação que se efetiva na sua resposta às proposições cênicas, em sua capacidade de elaborar os signos trazidos à cena e formular um juízo próprio dos sentidos. (DESGRANGES, 2015, p. 27).

Com direção de Josiane Franken Corrêa e Flávia Marchi Nascimento, *Algodão Doce* ofereceu a possibilidade de apreciação e facilitou o acesso de crianças pelotenses a um espetáculo de dança contemporânea. O trabalho buscou instigar o lado lúdico e criativo do corpo por meio de uma pesquisa artística que tratou temas do imaginário infantil e gaúcho, sendo inspirado na narrativa do livro *As Bombachas Voadoras* de autoria de

Newton Alvim, levando para a cena as aventuras de um guri e sua bombacha voadora (Figura 1).

Figura 1 – Cena Inicial do Espetáculo Algodão Doce.



Fonte: Murilo Paulsen, 2014.

O processo criativo de *Algodão Doce* teve duração de sete meses e se deu de forma colaborativa entre os intérpretes-criadores e as diretoras (Figura 2), em que estas buscaram “[...] reconhecer os percursos múltiplos e diversificados impressos em cada intérprete-criador” (CORRÊA; LESSA; NASCIMENTO, 2016, p. 52), desenvolvendo estratégias para acessar as memórias relacionadas ao universo lúdico de cada um, indo ao encontro do processo realizado pelas próprias diretoras quando resgataram suas lembranças de infância para desenvolver a temática que norteou o espetáculo.

Figura 2 – Sinopse e ficha técnica do Algodão Doce.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2014.

Almeida (2018, p. 19) destaca que “[...] o acolhimento do lúdico como uma estratégia para mediar a dança com a pequenada demonstra-se viável devido ao seu caráter dinâmico, criativo e atraente, sem ser rotineiro.” De fato, acessar memórias lúdicas se configurou tanto como um meio para inspirar o processo criativo quanto também uma forma de despertar a disponibilidade e atenção das crianças durante a apreciação do trabalho.

O espetáculo *Algodão Doce* foi apresentado em dois dias consecutivos no mês de outubro de 2014, em comemoração alusiva ao mês da criança. No primeiro dia aconteceram duas apresentações destinadas aos alunos de escolas públicas e no segundo dia foram três sessões: uma delas direcionadas aos alunos de escolas públicas; uma para os alunos da escola privada parceira do Projeto, a qual disponibilizou a sala de dança para o processo criativo e o teatro para a realização das apresentações; e a terceira direcionada ao público em geral, dentre eles amigos, parentes, familiares dos envolvidos no espetáculo, alunos, professores e servidores do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, também parceiro do projeto.

Algodão Doce: impressões e reflexões sobre a formação de espectadores

Os participantes do *Algodão Doce* relataram diferenças no diálogo estabelecido com o público infantil, pontuando reações diversas entre as sessões. As crianças das escolas públicas pareceram estar mais disponíveis para interagir com a proposta artística em comparação às crianças da escola particular. Essa diferença foi percebida tanto nos momentos em que havia interação direta dos intérpretes-criadores com as crianças, em que elas eram convidadas a integrar ativamente¹¹ a cena,

¹¹ Entende-se que o público, mesmo que esteja na posição sentada, participa ativamente do espetáculo porque está construindo significados e relações a partir das suas memórias. Aqui a expressão é utilizada para pontuar um momento específico do espetáculo em que há um solo clown realizado pela intérprete-criadora Ingrid, a qual se utiliza da improvisação e convida o público a integrar a cena.

quanto nos outros momentos de diálogo. Sobre esse aspecto, um dos intérpretes-criadores relata:

Consegui perceber que as crianças das escolas públicas estavam mais eufóricas, mais agitadas, porque é difícil elas irem ao cinema, a teatros... é uma coisa mais difícil porque não é presente e não se encontra um teatro dentro da escola pública. Já as crianças da escola privada estavam mais quietas, mais receosas, não eram tão interativas quanto as crianças das escolas públicas [...] (RODRIGUES, 2018, p. 45).

Os públicos infantis presentes nas apresentações tiveram relações diversas com a obra, pois viviam, de forma geral, em contextos com diferentes oportunidades. Para muitos alunos da escola pública foi a primeira vez que entravam em um teatro, enquanto que os alunos da escola privada estavam mais habituados com esse espaço porque o teatro em que ocorreu a apresentação pertencia à instituição que estudavam. Nesse sentido, Zancan (2018, p. 26) pontua que “[...] cada espectador faz diferentes seleções do que vê e, conseqüentemente, tem diferentes resultados receptivos”, não sendo possível estabelecer relações entre causa e efeito a partir de uma obra.

Uma das condições e modalidades de leitura possíveis, pela ambigüidade presente nos códigos do corpo dançante e da produção de sentido, seria entender o processo receptivo como um campo de promessas. Desse modo, os traços comunicativos apresentados pela coreografia, que não possuem uma codificação com decifração exata, são entendidos como uma indicação de algo que exerce ação sobre a imaginação do espectador. Essa modalidade de leitura é diferente daquela que ocorre, por exemplo, na comunicação verbal, em que o processo é marcado pelo ciclo constituído de uma mensagem emitida que é decifrada por meio de simbolizações codificadas para que haja um entendimento o mais próximo possível. (ZANCAN, 2018, p. 26).

Na dança contemporânea, pode-se reportar que grande parte das composições parte de estímulos cinestésicos e não busca transmitir uma ideia

pré-concebida, mas instigar a reflexão e sensibilizar os espectadores por meio do movimento para que eles atribuam seus próprios sentidos. Desse modo,

O processo receptivo em dança pode, sem nos tirar da cadeira, fazer com que nos movimentemos juntos com os bailarinos. Às vezes, podemos sentir o movimento incessante, ora em direção ao fluxo de energia produzida pela dança, ora em direção à alteração do nosso estado corporal. O movimento desse jogo ocorre por aproximações e não por decifração. (ZANCAN, 2018, p. 35).

As ideias compartilhadas por Zancan (2018) vão ao encontro do que Desgranges descreve em relação à participação sensível do espectador em obras de dança contemporânea, em que “[...] um mosaico complexo de signos e códigos específicos propõem um modo de relação e comunicação fundado na participação sensível e reflexiva do público, uma atitude concentrada de observação” (DESGRANGES, 2015, p. 40).

Apesar da escola privada citada ter uma estrutura para a realização de espetáculos em seu teatro, diferente da maioria das escolas públicas, o ensino de Dança está presente em seu currículo pedagógico como uma atividade complementar e não como uma disciplina obrigatória. Realidade semelhante é encontrada na rede pública, já que atualmente poucas escolas na cidade de Pelotas possuem professoras de Dança atuando na disciplina de Artes.

Desgranges aponta que, para além de promover o acesso físico ao teatro, é necessário possibilitar o acesso linguístico aos espectadores, ou seja, “[...] tanto a possibilidade de o indivíduo frequentar espetáculos quanto a sua aptidão para a leitura de obras teatrais” (2015, p. 29). Para que esse duplo acesso seja possível, a efetividade e a continuidade do ensino de Dança nas escolas se constituiriam como contribuições potentes para a formação de espectadores de dança, visto que nesse contexto os alunos se apropriariam de forma crítica e sensível dos conteúdos específicos da área.

Marques (2010) ressalta que é necessária a preocupação em educar apreciadores de dança, ou seja, se faz importante que o papel de apreciador seja internalizado pelos alunos, pois dessa forma estaríamos incentivando diálogos e leituras possíveis que se cruzam entre intérpretes, criadores e público nos trânsitos de seus corpos. Segundo a mesma autora, o aprendizado desses diferentes papéis que dialogam entre si e a internalização de múltiplas leituras de dança decorrentes desse diálogo são importantes para a constituição de singularidades, as quais atuam tanto no universo da dança quanto nas dinâmicas presentes na sociedade. Nesse sentido, Andrade propõe que

Para que o espectador possa analisar o espetáculo ele talvez precise compreender um pouco sobre esses elementos que compõem a cena. Se familiarizar sobre os processos criativos que originam a obra para que no momento da apreciação e mediante essa “conquista da linguagem” possa assumir a responsabilidade pela própria dramaturgia. Acredito que podemos fazer acontecer uma relação adequada, mas não fechada em si mesma - proporcionada pelas apreensões de determinados conhecimentos-chaves por parte do espectador. E que esses conhecimentos-chaves podem vir a facilitar o aprofundamento da experiência estética. (ANDRADE, 2016, p. 3).

Sendo assim, por mais que um dos objetivos para a idealização e criação do *Algodão Doce* tenha sido contribuir para a formação de público espectador para a dança na cidade de Pelotas, as diretoras do espetáculo compreendem que, para uma formação de público efetiva, o Projeto deveria ter continuidade por meio de atividades complementares e outras apresentações. A diretora Josiane pontua que:

Eu acho que é uma contribuição, mas uma contribuição paliativa, porque não teve continuidade, então eu sou bem consciente de que sim a gente fez um trabalho que atingiu certas pessoas e que talvez algumas dessas pessoas que estavam lá assistindo possam se interessar a ir de novo no teatro, possam se interessar em fazer aula de dança [...].

Deveriam haver projetos que tivessem uma continuidade de longo prazo de formação de público mesmo [...], por exemplo um programa anual de apresentação para crianças. Tem muita pouca produção nesse sentido, eu acho que a contribuição aconteceu mas ela foi tímida [...] (RODRIGUES, 2018, p. 48).

Ao encontro do relato exposto, a diretora Flávia acrescenta que “[...] não sei se contribuiu para essa formação ou se é um *start*, um início de um gosto pela linguagem da dança. [...] Para contribuir de forma mais eficaz eu acho que teria que ser um trabalho que durasse mais tempo” (RODRIGUES, 2018, p. 48). Com muita lucidez, ao mesmo tempo que pontua tais críticas, os intérpretes-criadores e as diretoras destacam em suas entrevistas as contribuições que o Projeto alcançou para o município de Pelotas no âmbito da dança para o público infantil e os artistas. Os licenciandos do curso de Dança da Universidade Federal de Pelotas, presentes na última sessão de apresentação do espetáculo, tiveram a oportunidade de refletir sobre a importância de criar e pensar espetáculos de dança voltados para o público infantil.

De fato, acredita-se que o *Algodão Doce* tenha reverberado em ações direcionadas às crianças porque após essa iniciativa foi notável o crescimento de criações de dança contemporânea voltadas ao público infantil dentro da disciplina de Montagem de Espetáculo II no curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas.¹² Essas ações vão ao encontro da crítica que a intérprete-criadora Fernanda faz para problematizar as produções infantis de dança, pontuando que “[...] foi um espetáculo que contribuiu para pensar que o espetáculo infantil é uma coisa séria, mas ao mesmo tempo tem que ter essa cara de criança, então sem ser aquela coisa: ah, é pra criança dá para fazer qualquer coisa [...]” (RODRIGUES, 2018, p. 50).

12 Em 2015, um ano após a iniciativa do *Algodão Doce*, foi criado o espetáculo *Elos*: aperte *start*; em 2017 foi desenvolvido o espetáculo *A mágica fábrica de brinquedos*, dirigido por Thaynara Garcia de Oliveira e orientado pela professora Andrisa Zanella; e no ano de 2018 foi desenvolvido o espetáculo *Nordestiando*, dirigido por Carolina Portela e orientado pela mesma professora.

A intérprete-criadora Ingrid traz em sua fala que até hoje é lembrada pelo público por sua atuação no espetáculo e comenta sobre o reconhecimento por parte do município de levar o trabalho para outros espaços. Após o término do auxílio financeiro via Edital ProCultura, o contato da prefeitura com o Projeto se manteve por um tempo breve e o espetáculo foi apresentado em outros espaços da cidade, atingindo públicos diversos. O intérprete-criador Anderson também acredita que marcas foram deixadas nas crianças e lembra que “[...] tinha uma cena da montanha russa que foi toda documentada com o corpo” (RODRIGUES, 2018, p. 51), estimulando relações com o corpo brincante e ampliando olhares em relação ao que pode ser entendido como dança (Figura 3).

Figura 3 – *Cena da montanha russa relatada pelo intérprete-criador Anderson.*



Fonte: Murilo Paulsen, 2014.

As relações comuns entre as cenas assistidas no espetáculo e as cenas vividas pelas crianças no seu cotidiano podem ser tecidas no momento da apreciação, mas trata-se de um processo bastante particular em que “[...] a rede complexa de heranças, aprendizagens e reflexos que determina a especificidade do movimento de cada indivíduo determina também o modo de perceber o movimento dos outros” (GODARD, 1995, p. 25). Desta forma, torna-se difícil mensurar em que medida o *Algodão Doce* contribuiu para a formação de público, como problematizado

pela intérprete-criadora Juliana quando relata que “[...] é inegável, a gente não tem como dizer que não contribuiu. Acho que qualquer espetáculo contribui, daí de que forma contribui para cada um é muito impossível da gente querer medir [...], porque é muito subjetivo de cada um [...]” (RODRIGUES, 2018, p. 52).

Ao pensar que o processo de apreciação acontece de forma bastante individual e de que são múltiplas as possibilidades de leituras a partir de um mesmo trabalho, entende-se como fundamental pensar em educar apreciadores de dança para incentivar e orientar a condução de indivíduos com pensamento sensível, crítico e autônomo. Sendo assim, formar público é uma ação que está relacionada ao desenvolvimento de montagens cênicas direcionadas ao público específico pretendido – nesse caso as crianças – no sentido de utilizar referenciais que busquem acessar e dialogar com esse espectador, mas também supõe uma formação pedagógica em que o espectador consiga perceber que a sua presença é importante.

Assim, formar espectadores consiste em provocar a descoberta do prazer do ato artístico mediante o prazer da análise. A especialização do espectador constitui-se não tanto em ensinar como pensar, dialogar, ler, gostar, mas sim em propor experiências que estimulem o espectador a construir os percursos próprios, o próprio saber, o próprio prazer, deixando que cada qual vá descobrindo laços e afinidades, tornando-se íntimo a seu modo, relacionando-se e gostando de teatro do seu jeito. (DESGRANGES, 2015, p. 173).

Formar espectadores em dança, então, não é uma ação pensada como uma tentativa de controlar as percepções, os sentimentos e os pensamentos de quem interage com a obra dançada, mas como uma possibilidade de apresentar a multiplicidade de propostas coreográficas na contemporaneidade, de buscar instigar diferentes impressões e reflexões, de evocar sensações diversas e ampliar o conhecimento estético.

Considerações finais

A criação de um trabalho direcionado especificamente ao público infantil e a facilitação do acesso físico ao teatro, ações realizadas pelo Projeto *Algodão Doce*, podem não ter sido suficientes para promover a formação de espectadores de forma efetiva. Por outro lado, muitas das crianças que acessaram o espetáculo nunca haviam apreciado um trabalho de dança e entrado em um teatro. Acredita-se que, apesar do tempo reduzido de duração do Projeto, as crianças presentes no espetáculo foram tocadas a partir da apreciação, pois o tema abordado abrangia relações conhecidas ou vividas por elas, indo ao encontro das teorias dos autores aqui discutidos, os quais propõem que o espectador não é um ser passivo e que o ato de apreciar faz com que ele crie a sua leitura da obra a partir da sua bagagem de referências.

Para além disso, *Algodão Doce* trouxe contribuições para a comunidade artística pelotense pensar que é possível criar dança contemporânea para crianças, de forma que foi possível acompanhar as reverberações que esse trabalho gerou dentro do meio acadêmico no qual as autoras estiveram inseridas, gerando reflexões sobre a importância de desenvolver espetáculos voltados ao espectador infantil.

O texto também desperta atenção para a produção tímida no campo da Dança em relação a pesquisas com foco no espectador e na formação de público, principalmente se tratando de dança contemporânea para crianças. As pesquisas de Flávio Desgranges, com ênfase no campo do Teatro, possibilitaram diálogos com as indagações das autoras e com os relatos dos integrantes do *Algodão Doce*, fazendo com que essa pesquisa apresentasse um olhar da pedagogia do espectador voltado para a área da Dança.

Movimentos artísticos pensados para o público infantil dentro ou fora do teatro podem se tornar aliados para uma formação de público efetiva, mas, para além do acesso a espetáculos de dança, foi possível identificar que a criança deve ser estimulada para desenvolver o desejo de ir assistir espetáculos de dança – ação que não acontece de forma natural e que deve ser conquistada. Nesse sentido, é impor-

tante o desenvolvimento de um conjunto de ações para além do espetáculo, os quais podem envolver a realização de oficinas, formações de professores e diálogos com a comunidade para uma formação de público efetiva em dança, promovendo estratégias de sensibilização e fazendo com que as crianças possam experimentar a linguagem da dança.

Por fim, a efetivação do ensino de Dança como parte integrante do currículo obrigatório na Educação Básica é também uma iniciativa urgente para a formação de público, pois nesse espaço a criança tem a oportunidade de mergulhar nos conteúdos da Dança. A dança nesse espaço é estimulada por meio da experimentação, respeitando cada corpo e seu tempo de forma mais livre, sem obrigatoriamente focar em um único gênero de dança, proporcionando ao aluno desenvolver a sua dança por meio de jogos e brincadeiras lúdicas, assim como foi o processo de criação do *Algodão Doce*.

Referências

ALMEIDA, Fernanda de Souza. *Dança e Educação: 30 experiências lúdicas com crianças*. São Paulo: Summus, 2018.

ANDRADE, Fernanda. Estratégias de mediação cultural: possibilidades para as dramaturgias do espectador das artes da cena. In: Encontro de Estudos Multiplicinares em Cultura, v. 1, 2016, Salvador. *Anais do XII ENECULT*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016, p. 1-13. Acesso em: 25 mai. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/38380126/ESTRAT%C3%89GIAS_DE_MEDIAC%C3%87O_CULTURAL_POSSIBILIDADES_PARA_AS_DRAMATURGIAS_DO_ESPECTADOR_DAS_ARTES_DA_CENA.

CORRÊA, Josiane Franken; LESSA, Helena Thofehrn; NASCIMENTO, Flávia Marchi. Algodão doce: registros e reflexões acerca do processo criativo de um espetáculo de dança contemporânea para crianças. *Revista Moringa - Artes do Espetáculo*, João Pessoa, UFPB, v. 7 n. 1, p. 45-63, jan/jun 2016. Acesso em: 25 mai. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/29285>.

CORRÊA, Josiane Franken; LESSA, Helena Thofehrn; NASCIMENTO, Flávia Marchi. Doce dança, algodão, criança: reflexões acerca do processo de criação de um espetáculo de dança para crianças. *In: Seminários de Dança XI - 1, 2, 3 e já! A criança pinta, borda e dança*. Joinville, Festival de Dança: Joinville, 2018, p. 250-260. Acesso em: 25 mai. 2020. Disponível em: <http://www.ifdj.com.br/repositorio/seminarios/Livro-11-1-2-3-e-ja-a-crianca-pinta-borda-e-danca-pdf.pdf>.

DANTAS, Mônica Fagundes. Apontamentos para uma prática do olhar em dança: inscrevendo a obra no corpo do espectador. *In: SIMPÓSIO DA INTERNATIONAL BRECHT SOCIETY*, v. 1, 2013, Porto Alegre. *Anais do Simpósio da International Brecht Society*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013, p.1-10. Acesso em: 25 maio 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/ppgac/wp-content/uploads/2013/10/Apontamentos-para-uma-pr%C3%A1tica-do-olhar-em-dan%C3%A7a_-inscrevendo-a-obra-no-corpo-do-espectador.pdf.

DESGRANGES, Flávio. *A Pedagogia do Espectador*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

DESGRANGES, Flávio. *Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço*. Caminho das Artes / A Arte Fazendo Escola, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, p.01-21, 2005.

DESGRANGES, Flávio. *A Pedagogia do Espectador*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs.). *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Acesso em: 25 mai. 2020. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>.

GODARD, Hubert. Gesto e Percepção. *In: Lições de Dança 3*, p. 11-35. PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia (Org.). Rio de Janeiro: UniverCidade, 1995.

MARQUES, Isabel A. *Linguagem da dança: arte e ensino*. São Paulo: Digitexto, 2010.

RODRIGUES, Lidiane Domingues. *Formação de público espectador infantil: um estudo de caso sobre a experiência do Projeto Algodão Doce na cidade de Pelotas*. 2018. 109f. Trabalho de Conclusão de Curso (Dança – Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Acesso em 11 mar. 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/danca/files/2018/12/VERS%C3%83O-TCC-FINAL-LIDIANE-final-mesmo-com-as-corre%C3%A7%C3%B5es-da-banca.pdf>.

ZANCAN, Rubiane Falkenberg. A percepção do espectador sobre o corpo que dança. *Poiésis*, Niterói, v. 19, n. 32, p. 21-36, jul./dez. 2018. Acesso em: 25 mai. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/27649/0>.

Recebido: 02/11/2020

Aceito: 10/03/2021

Aprovado para publicação: 27/05/2021

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.